

Praxedes, Um operário no poder

Sérgio Luiz B. Trindade

O título do artigo é subtítulo de um livro escrito por Moacyr de Oliveira Filho, jornalista paulistano, e editado pela Editora Alfa-Omega, e discorre sobre a vida do sapateiro José Praxedes, um dos líderes da Intentona Comunista de 1935.

A idéia de escrever o artigo nasceu de uma conversa, em Ipanguaçu, com o deputado estadual Fernando Mineiro, fã ardoroso de José Praxedes, quando o presidente Lula veio ao Estado inaugurar sete unidades do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IF-RN). Segundo Mineiro, quase todos os alunos do hoje IF-RN são valorosos, "mas o maior de todos, desculpe-me, foi José Praxedes". Não concordo integralmente com Mineiro, mas reconheço que muito possivelmente nenhum ex-aluno que passou pela instituição talvez tenha alcançado a dimensão histórica de Praxedes, aluno matriculado, em 1916, no então Liceu Industrial, onde, conforme suas próprias palavras, cursou "os quatro anos tirando boas notas".

Mineiro disse-me que iria escrever um texto para o seu site sobre José Praxedes. Prometi-lhe não escrever o meu antes que o dele estivesse no ar. Não me contive, lendo o livro de Moacyr de Oliveira, um mimo a mim ofertado por Mineiro, e talvez até adiante-me. Peço perdão ao deputado, mas a causa é boa.

Como o texto elaborado ficou um pouco grande, preferi dividi-lo e publicá-lo por partes. Hoje faço um apanhado geral da Intentona de 1935. Na próxima semana encaminho o complemento, falando um pouco sobre a passagem de Praxedes pelo Liceu Industrial, sobre sua vida profissional e sobre a sua participação no movimento comunista de 1935.

Intentona Comunista foi o nome dado ao movimento desencadeado, em 1935, pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). À frente do movimento estava Luís Carlos Prestes, ex-líder tenentista em meados dos anos 1920 e convertido ao comunismo no final da mesma década.

A Intentona de 1935 foi um movimento de natureza política, planejado em linhas gerais por militares (oficiais e praças) do Exército Brasileiro e por militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e que visava sobretudo, a derrubada do presidente da República, Getúlio Vargas, e a instalação de um governo popular que pusesse fim às oligarquias, ao imperialismo e ao autoritarismo, e que implantasse um programa de reforma agrária e decretasse o fim da dívida externa.

Um grupo de agentes do comunismo internacional, como os alemães Olga Benário, Artur Ernst Ewert e sua mulher Elise, o argentino Rodolfo Ghioldi e outros, num total de mais de duas dezenas, também participou ativamente dos preparativos para a tomada do poder.

O movimento foi desencadeado, em Natal no dia 23 de novembro, quando alguns soldados do 21º Batalhão de Caçadores (onde hoje funciona a Escola Estadual Winston Churchill) tomaram o quartel e, com os rebeldes civis,

atacaram o quartel da Polícia Militar (hoje Casa do Estudante), que caiu em menos de um dia de combate intenso. Cessadas as últimas formas de resistência militar, só restou ao governador do Estado, Rafael Fernandes, e outras autoridades buscar asilo na residência do cônsul da Itália. Estava, pensavam os revoltosos, "consolidada a insurreição, a primeira de cunho marxista no continente americano". Foi apenas, como disse um estudioso do acontecimento, "o primeiro ato de uma tragédia". José Praxedes, nascido em 6 de abril de 1900, na aldeia velha da Lagoa de Pajuçara, margem esquerda do rio Potengi, ex-aluno do Liceu Industrial e, com Raimundo Moreira, reorganizador da União dos Sapateiros de Natal, foi um dos artífices da Intentona e um dos integrantes do gabinete montado pelo governo após a eclosão do movimento comunista de 1935.

Um operário no poder II

Sérgio Luiz B. Trindade

José Praxedes já era sapateiro antes de aprender o ofício no então Liceu Industrial, escola na qual entrou em 1916 para fazer um curso de desenho e modelagem e que foi, também, um dos pilares de sua formação profissional.

O Liceu Industrial foi o novo nome que a Escola de Aprendizes Artífices, instituição fundada em 1909 pelo presidente da República Nilo Peçanha, homem que se impunha como uma das forças políticas do estado do Rio de Janeiro durante grande parte da República Velha (1889-1930).

Naquele Brasil do início do século XX, país atrasado economicamente e que ainda vivia o alvorecer de um movimento em direção a uma industrialização tardia, os ofícios eram aprendidos dentro de casa, passados de pai para filho. A Escola fundada por Nilo Peçanha rompeu com essa lógica. A partir daquele momento, havia um espaço fora do âmbito familiar no qual era possível aprender o ofício de artesão.

Foi na esteira dessa transformação do Brasil que começava a dar os primeiros passos em direção a um modelo econômico de substituição de importações que o garoto José Praxedes de Andrade, matriculado pelo padrinho no Liceu Industrial, enquanto lapidava os seus conhecimentos de sapateiro, sabia pelas poucas linhas publicadas no jornal "A República", jornal que veiculava os feitos dos grupos oligárquicos locais, das primeiras notícias sobre a Revolução Russa de 1917. O próprio Praxedes conta que no Rio Grande do Norte "já tinha aquela coisa do Poty e do Frei Miguelinho, herói da Revolução de 1817, a Confederação do Equador na cabeça e quando comecei a ler sobre a Revolução Russa fiquei ainda mais animado. Conseguí entender o que estava acontecendo por lá e, então, passei a pregar entre os colegas da escola a defesa da Revolução Russa, a necessidade dos operários se organizar também aqui no Brasil para conquistar o poder. Foi uma coisa espontânea, que surgiu naturalmente dentro de mim. Ninguém me falou nada, me ensinou nada. Apenas lia as notícias nos jornais e ficava entusiasmado. Era como se o índio Poty estivesse no meio daquele movimento".

As notícias publicadas pelo jornal oficial do Rio Grande do Norte dava pequenas notas sobre o que se chamava "a usurpação do poder pelos operários na Rússia". Praxedes chateava-se com os encaminhamentos dados pelo periódico fundado por Pedro Velho, pois para o jovem sapateiro os operários "tinham tomado o que era deles mesmos".

As idéias marxistas seduziram imediatamente o futuro líder operário que ganhava estofo técnico nos bancos do Liceu Industrial. Para Praxedes não seria absurdo que os operários fizessem o mesmo por aqui. Pela sua cabeça de jovem encantado com as idéias de igualdade, disseminadas pelos comunistas, as fantasias tomavam forma. Daí para frente foi um pensar, como diz ele, "que nós poderíamos fazer o mesmo no Brasil".

Depois de finalizado o curso técnico e de ter dado baixa no Exército, onde ficou como voluntário até agosto de 1921, Praxedes foi "ver se a arte que havia aprendido na escola servia para alguma coisa". Não foi difícil constatar que o ofício que o Liceu lhe burilou foi suficiente para conseguir emprego numa fábrica de calçados, trabalhando "como modelador, levando nas mãos a arte aprendida na Escola Técnica e na cabeça as idéias efervescentes da Revolução russa e dos ensinamentos do índio Poty". Estava dado o primeiro em direção à militância político-sindical, que convergiria para a tentativa de tomada do poder e implantação de um modelo comunista no Brasil em meados da década de 1930.



www.dhnet.org.br